
A cidade perdida de *Algun lugar*, de Paloma Vidal¹

Lucas Bandeira de Melo Carvalho (Doutorando, Ciência da Literatura, UFRJ)

Resumo: Este ensaio discute, a partir da análise do romance *Algun lugar*, de Paloma Vidal, a relação do sujeito contemporâneo com o espaço e como isso toma forma nos processos de construção de identidade. Parte-se da hipótese de que os espaços contemporâneos são heterogêneos, comportando diversas funções e temporalidades. É com esses espaços heterogêneos, em que a ilusão de uma origem fundamental da identidade nacional está perdida, que o sujeito deve lidar para construir suas identidades, também elas heterogêneas e provisórias. Ao escrever uma narrativa sobre o êxodo, a viagem e a busca por uma origem perdida, Paloma Vidal expõe essa condição do sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: Cidade, sujeito, viagem, identidade, romance contemporâneo.

Abstract: This essay discusses, based on the analyses of the novel *Algun lugar*, by Paloma Vidal, the relation between the contemporary subject and space, and how it emerges in the processes of identity construction. It bears on the hypothesis that contemporary spaces are heterogeneous, and have diverse functions and temporalities. In order to construct their identities, which are also heterogeneous and provisory, the subjects have to interact with these heterogeneous spaces, in which it is lost the illusion of a fundamental origin of national identity. Writing a story about exodus, travels and the search for a lost origin, Paloma Vidal exposes the condition of contemporary subject.

Key words: City, Subject, Travel, Identity, Contemporary Novel.

*O homem está na cidade
como uma coisa está na outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade.*

Ferreira Gullar, *Poema sujo*

Geografias cruzadas

O enredo de *Algun lugar*, primeiro romance de Paloma Vidal, publicado em 2009, é simples. Um casal deixa o Rio de Janeiro e parte para uma temporada em Los Angeles, mas lá o homem se isola no apartamento, enquanto a narradora se esforça para compreender uma cidade que se recusa a ser compreendida. A adaptação fracassa e acabam voltando ao Rio de Janeiro, mas já não são os mesmos. No Brasil, têm um filho e se separam, e a narradora percebe agora que em nenhum lugar está em casa.

Algun lugar coroa um caminho literário bastante claro, bem-delineado e bem-construído. Desde *A duas mãos*, pequeno volume de contos publicado em 2003, Paloma Vidal tem como foco alguns temas recorrentes: a(s) cidade(s), a viagem, as línguas, a

solidão, as diferenças (ou melhor, nuances) culturais, a expatriação, a violência que invade o cotidiano, o cruzamento entre história e indivíduo, a separação, a dificuldade ou a necessidade de o indivíduo encontrar uma identidade. Em *Mais ao sul* – reunião de contos publicada em 2008 – e em *Algum lugar*, fica clara a estratégia de reorganizar experiências de deslocamento por meio da narrativa. Sempre esbarrando na autoficção, ela recorre à memória (ficcional ou ficcionalizada) por meio de fragmentos, cenas exploradas sem hierarquia, banais, cotidianas, nas quais assomam – sem alarde, sem recurso ao *páthos* – momentos de ruptura, violência, perda.ⁱⁱ

Algum lugar é estruturado em três partes. A primeira, mais longa, é uma odisseia contemporânea: a narradora parte em busca do desconhecido, enfrenta seus obstáculos, com vitórias e fracassos, até retornar a sua Ítaca (o Rio de Janeiro). A segunda e a terceira partes, no entanto, fragmentam e espalham a viagem inicial, e dessa vez Odisseu não tem mais casa para a qual retornar. A cada parte corresponde uma cidade, que funciona como sombra que modula a apreensão da outra: o Rio de Janeiro é uma sombra contínua sobre Los Angeles, mas no retorno parece irreal, e Buenos Aires, na terceira parte, parece existir apenas para que se distinga do Rio de Janeiro, numa geografia afetiva em que as cidades não existem sem as outras, em que não fosse mais possível ver, “só comparar” (168).ⁱⁱⁱ

A narradora elege, no final do livro, um signo para essa disjunção cognitiva: o cinema Los Angeles, em Buenos Aires. É como se, em sua busca das raízes argentinas de sua família, a narradora encontrasse o símbolo máximo do que foi, para ela, o desenraizamento: Los Angeles, Hollywood. A viagem de retorno da família à Argentina, que os antepassados da narradora haviam abandonado para migrar para o Brasil, em vez de ser o retorno à origem, mostra-se na verdade a prova de que a origem está perdida. À falta de uma identidade em que se apoiar, disponível (brasileira, argentina, americana), cria-se uma identidade múltipla, feita justamente desses retalhos e possível apenas na escrita – mas a um preço.^{iv}

Portanto, um dos principais temas de *Algum lugar* é a relação do sujeito contemporâneo com o espaço e como isso interfere em seus processos de identificação. Pretendo aqui recuperar dois conceitos – heterotopia e não lugar – para entender como isso se dá.

Michel Foucault, na conferência “Outros espaços” (2009, 411), afirmou que a época atual, ao contrário do século XIX, obcecado pela história, “seria talvez de preferência a época do espaço”. Escrito em 1967, embora publicado apenas em 1984, esse texto fornece um interessante caminho para pensar nosso momento de abolição das

distâncias (em que, claro, existe um recrudescimento da proteção, em um movimento pendular de esquecimento e afirmação das fronteiras).

Foucault pensa a história do espaço segundo três fases. Na Idade Média, os espaços eram determinados de acordo com sua localização em uma hierarquia. Com Galileu e a descoberta do espaço infinito, a localização seria substituída pela extensão. Hoje, esta daria lugar ao posicionamento, “definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos; formalmente, pode-se descrevê-las como séries, organogramas, grades” (idem, p. 412). Embora o próprio autor afirme que esses conceitos são apresentados de maneira grosseira, simplificada ao extremo, o que é interessante na teoria é a apresentação da posição como o modo de o indivíduo se relacionar com os outros. Isso abre caminho para que o espaço deixe de ser homogêneo, ou visto como homogêneo – nas palavras de Foucault, para que seja dessacralizado.

Os espaços, continua o autor, não são vazios, mas povoados de qualidades e fantasmas: “vivemos no interior de um conjunto de relações” (idem, p. 414). O autor sugere então, como contraposição ao conceito de utopia – aquilo que está em outro lugar –, o de *heterotopia*: lugares reais, mas mistos; aceitos pela sociedade, mas que têm “o poder de justapor em um lugar real vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (idem, p. 418). Nesses espaços é possível conviverem tempos diversos (heterocronia) e eles possuem a função de “criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada” (idem, p. 420).^v

Se existe um lugar-comum do cruzamento de espaços, tempos e identidades é o aeroporto. Mais do que o porto, que dá sempre a ideia de grandes movimentos migratórios, unidirecionais. Os estrangeiros que se cruzam no aeroporto vêm de lugares diversos e vão para lugares diversos. E, hoje, a velocidade dos deslocamentos e cruzamentos migratórios se intensificou, de maneira irrevogável, e a travessia que outrora parecia coletiva agora é cada vez mais individual.

O aeroporto é um lugar quase isento de localização e extensão, mas repleto de posicionamento: cada um ali está em um ponto de seu caminho. É a essa espécie de espaço que o antropólogo Marc Augé denomina não lugar. Os não lugares seriam espaços reais em que a pessoa estaria em trânsito, não estabeleceria relações e experimentaria uma relação com o puro presente. Nesses espaços – aeroportos, autoestradas, hotéis, clubes, hipermercados –, o indivíduo viveria um tipo especial de solidão: as poucas relações estabelecidas seriam com instituições ou com representantes das instituições, explicitações das regras de trânsito, do comércio ou de demais

contratos sociais. O que não significa, claro, que lugares e não lugares sejam puros; são “polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se consome totalmente – palimpsestos nos quais se reinscreve sem cessar o jogo misto da identidade e da relação” (Augé, 2005, p. 68). Augé distingue um paradoxo próprio do não lugar: nele, há identificação – no sentido legal do termo, como prova de uma identidade de “pessoa física” por meio de cartões, senhas, passaportes – apenas ao se entrar ou sair desses espaços, enquanto no resto do percurso – pois são espaços de trânsito – há um apagamento da identidade. Mais do que todos os espaços em que é possível ter essa experiência, afirma Augé, é o espaço do viajante que seria o arquétipo do não lugar (idem, p. 74).

É num desses não lugares que encontramos a narradora de *Algum lugar* ao iniciar seu relato. Na primeira e maior parte do romance, vemos a protagonista chegar ao aeroporto de Los Angeles, cidade à qual vai tentar, junto com seu companheiro, se adaptar. Depois de 108 páginas, a deixamos novamente no avião, retornando ao Rio de Janeiro.

Logo ao chegar ao aeroporto de Los Angeles, a protagonista é jogada em um campo de estranheza e tem uma primeira experiência de incompreensão: não consegue nem mesmo reconhecer em que língua falam no alto-falante, e a cidade logo vai confirmar o estranhamento:

O que veremos será bastante próximo de um cenário onde os contornos entre realidade e ficção se desmancham. A imaginação nesse caso não terá trabalhado sozinha, daí essa sensação de que tudo já foi visto em algum outro lugar fora daqui (2009, p. 27).

Estranhamento e reconhecimento vão a partir desse momento andar de mãos dadas. Em todo lugar estamos em casa, e ao mesmo tempo em nenhum lugar; dentro e fora se misturam. Zigmunt Bauman (2011, p. 179) afirma que “a terra natal de uma pessoa é o ambiente hostil de outra”, mas talvez, nesta sobremodernidade de que fala Augé, os estranhos deixem de ser incidentais e se passe de uma estranheza para outra, de um ambiente hostil a outro, como na Los Angeles de *Algum lugar*.

A cidade se apresenta a ela como diversas cidades em uma só – não consequentes, mas sobrepostas. As *freeways* formam um “mapa sobreposto à cidade” (p. 18); Los Angeles é uma cidade infinita (p. 40) e “sem idade” (p. 91), uma cidade multirracial e de várias línguas, sem centro, onde “as coisas não se harmonizam” (p. 79), portanto, onde não há síntese. Há a Los Angeles dos migrantes e a cidade dos americanos, a cidade dos hispânicos e a cidade dos orientais, a cidade do cinema e a dos universitários. Como ela lê em um guia, deve “throw out the notion that it’s a city at all” (p. 24). A única maneira de torná-la habitável é construindo também sua própria cidade

dentro da cidade, criar um circuito pessoal que ligue “dois pontos que antes não tinham conexão” (p. 32). Quando a protagonista do romance sonha que Los Angeles se tornou ruína, cidade-fantasma (p. 35), fica claro como apenas destruída a cidade se fixaria.^{vi} É o cadáver da cidade que poderia ser definido: enquanto estiver viva, mundos diversos se encontram na cidade – como no café que tenta parecer parisiense, em que a personagem nota como as pessoas simulam estar em outro lugar (p. 54) –, e podemos dizer que existe uma luta constante dos habitantes por destruir a cidade, por possuir um pedaço da cidade e transformá-lo. Para a personagem, a cidade funciona como um corpo vivo, que ora os massacra (p. 21), ora dá uma trégua (p. 45), com o qual embate uma luta corporal. Uma luta entre dois corpos: um organismo sem rosto, multifacetado, inatingível por sua escala inabarcável, e o pequeno corpo individual, último refúgio, limite extremo do sujeito na menor escala possível, e por isso também inatingível em todos os seus detalhes, em todas as suas pulsões contraditórias. Há uma memória do corpo, e até mesmo escrever é um ato orgânico (p. 94), uma maneira de agir sobre mundo da maneira mais simples e livre possível – individual.

Em meio a essa cidade de espaços desenraizados e de não lugares, tampouco a língua serve de ancoradouro. A protagonista de *Algum lugar* sente que o inglês que ela e M, seu companheiro, falam é apenas uma língua “de passagem” (p. 21), enquanto seu espanhol é “de segunda geração”, herdado da mãe. Está em uma cidade em que nem o espanhol nem o inglês servem de porto seguro, e em que cruza com letrados “em alguma língua oriental” (p. 24), que não consegue identificar. Após M partir de volta ao Brasil, no entanto, ela sente necessidade de dizer a solidão em outra língua: “*I feel a terrible solitude*” (p. 103) – ali o português também não lhe serve. Enquanto isso, tenta se aproximar de Luci, coreana que fala espanhol, mas entre elas acontecem pequenos desentendidos, há uma “espécie de curto-circuito” entre o espanhol falado pelas duas (p. 70), curto-circuito que funciona como símbolo de um desentendimento maior: a maneira como as duas veem a cidade. Para Luci aquela cidade feita de cenários é algo que não incomoda; não lhe causam estranhamento as cidades em miniatura nos shoppings, em que as pessoas transformam o consumo em uma modalidade de vida.

Los Angeles é uma cidade em que línguas coexistem. No ônibus, a protagonista presta atenção em um grupo de adolescentes. Conversam em inglês, mas ocasionalmente surgem palavras em espanhol, mistura que “faz parte da sedução” (p. 28). Entra uma mendiga, uma *homeless*, alguém que na cidade não possui um lugar privado, algo tão importante para a protagonista de *Algum lugar*. Para a narradora, que

sofre de uma angústia de identificação agravada pela língua, aquela mulher parece um símbolo do híbrido, “várias pessoas numa só” (p. 29).

As pessoas que a protagonista encontra em seu circuito em Los Angeles e que ela não consegue classificar formam uma imagem *in absentia* de si mesma, de sua própria identidade problemática. Ela chega a encarar Luci, com quem não consegue nenhum tipo de contato físico, como “um espelho novo” – é interessante que, ao falar de heterotopia, Foucault considere exatamente o espelho como modelo ideal: lugar que preenchemos exatamente pela nossa ausência, lugar habitado por uma imagem. Transformar pessoas em espelhos não é uma atividade sem custos, claro, e uma das tramas de *Algum lugar* são os desencontros sucessivos entre a narradora e Luci, que a acusa justamente de incapacidade de se “colocar no lugar dela” (p. 120). É o momento em que o espelho falha, em que a língua espanhola malogra.

Afinal, como a narradora se definiria? Argentina, brasileira, imigrante? Em momento algum diz “sou brasileira”, mas afirma que “nem sequer sou argentina” (p. 46), e é pela voz de Luci, num espanhol contaminado por português e inglês, que sua nacionalidade é afirmada: “*Es brasileira*” (p. 121).

Ao final desta primeira parte, a protagonista volta ao Rio, sem saber se reencontra ou não M, que partiu antes dela, em um momento em que o relacionamento deles estava abalado. No entanto, dentro da estrutura do livro, essa primeira parte funciona como um longo desenvolvimento do tema, que nas partes seguintes, mais curtas, será retomado, passará por modulações (no sentido musical do termo: mudança de tom).

Ao deixar Los Angeles, novamente no avião – lugar de uma heterotopia ou, ainda mais, de atopia, um não lugar –, ela olha a cidade, em relação à qual finalmente percebe sentir familiaridade (p. 122). Ao chegar ao Rio de Janeiro, se sente acolhida, “como se o tempo não tivesse passado” (p. 126), o que, claro, vai se mostrar uma dura ilusão – ela não vai se sentir em casa. A narradora busca na cidade “uma justificativa para a inadequação do retorno” (p. 127), afinal, antes de viajar, ela se sentia em casa ali, mas não é possível voltar à antiga vida, pois ela não é mais a mesma. Embora reencontre M, desta vez é ela quem se retrai, se isola da cidade e se refugia no apartamento. Acaba estabelecendo uma relação dúbia com o filho: ao mesmo tempo não consegue se imaginar antes de sua existência e deseja o retorno a uma época em que ele não existia, em que poderia falar para M: “somos só nós dois de novo” (p. 148). Ao se mudar para o Rio de Janeiro, também mudam suas relações com a família, com M, com a cidade, com seu corpo. Se antes o desconhecido, a aventura era Los Angeles, agora o

desconhecido é o filho, “um futuro sem forma” (p. 130), pura possibilidade, um presente vazio. Mais importante: agora existe um terceiro elemento dentro da dinâmica da herança cultural e familiar da protagonista brasileira-argentina. Se antes a mãe e a avó representavam as guardiãs da língua dos ancestrais e ela trazia a adaptação ao português e ao Brasil, o filho se apresenta como um passo além, como um passo inexorável em direção à incerteza do futuro. Esse interlúdio no Rio de Janeiro é um momento de quebra das certezas, um momento em que o seu próprio enraizamento no Brasil se mostra insuficiente. Por fim, após o filho adoecer – a narradora dá a entender que por sua culpa –, o casal mais uma vez se separa, desta vez definitivamente. Este talvez seja o momento do trauma, o ponto irradiador do romance, um “mau encontro” que organiza, mais do que qualquer outro, a estrutura do romance. Nas palavras da narradora, “nenhuma declaração servirá para apagar da memória [...] um medo tão primitivo quanto a própria vida” (p. 153); ela afirma não ser capaz de lembrar com precisão e nitidez sua vida, mas que aquele momento fica guardado na memória com perfeição.

É hora de mais uma vez viajar – mas desta vez não imediatamente. Temos alguns relances do crescimento de C (a criança), vemos como ele aprende a língua materna – ao contrário da mãe, que quando criança, dividida entre o português e o espanhol, parara de falar – e vamos reencontrá-lo mais crescido. A narrativa dá um salto e por fim mãe, filho e avó estão em Buenos Aires, para a coda do romance. Buenos Aires, afinal, é a origem: da língua que a avó da narradora não abandona, que a mãe da narradora lamenta esquecer e que a narradora sente ser de segunda geração; da memória da família, afinal é por meio da memória que a narradora organiza sua experiência de vida no formato de um romance.

Não é apenas por criar a ruptura que faz a narradora se mover que o filho leva a essa última viagem. De maneira um pouco esquemática – intencional, talvez perfeita demais para a economia do enredo –, a narradora nos conta que é o filho que pede para ir a “algum lugar” (p. 159). E é também o filho que protagoniza a última imagem que a narradora compartilha conosco, leitores. Ele está num carrossel em Buenos Aires, “como se estivesse partindo para uma longa viagem” (p. 170).

O romance surgiu de um blog,^{vii} e, embora isso não determine a leitura, corrobora a interpretação de que o momento em que experiência se torna matéria para a escrita é determinante. O instante em que a protagonista decide escrever, que ela descreve como libertador (p. 149), é aquele em que ela começa a organizar aquilo que ela viveu – lembranças, portanto ausências – em uma narrativa compreensível. Ela fala

de lugares que já se transformaram, e mesmo assim não tem certeza de que eram exatamente assim, e de pessoas que conheceu mas que não compreendeu totalmente, seus vários espelhos partidos.

Construção e destruição

Em seu livro sobre a literatura e experiência urbana, *Todos os lugares, a cidade*, Renato Cordeiro Gomes fala da ambivalência de Babel como metáfora. Babel é a um só tempo símbolo da fragmentação da cidade, da atomização da vida do homem urbano, e ideal de unificação; é também o maior projeto de reforma urbana possível e, ao mesmo tempo, fadado ao fracasso, uma vez que torre tão alta só pode ser construída sobre escombros. O novo, na cidade, é o rearranjo daquilo que envelhece, daquilo que se destrói, e cada nova cidade é construída sobre as ruínas da anterior.

A incessante passagem de destruição para construção – de violência para criação – é parte primordial da cidade contemporânea. Renato Cordeiro Gomes usa, entre outras metáforas, a do caleidoscópio: o sempre novo formado de pedaços preexistentes.

Digamos que a cidade, como Babel, se expande (heterotopicamente) em diversas direções: para baixo, arqueologicamente, mas também para a frente e para trás, com suas múltiplas temporalidades e as diferentes experiências urbanas dos indivíduos. Ou talvez se multiplique como volutas, como fractais – para usar um termo da moda. Enquanto arqueologia, a cidade possui uma memória, mais ou menos preservada, e mesmo um mito, uma imagem que não corresponde a uma realidade concreta, mas a um discurso a respeito dela. Los Angeles tem Hollywood – que a protagonista de *Algum lugar* vai reencontrar em Buenos Aires –, o Rio de Janeiro possui a orla, e assim por diante. Tanto o passado histórico quanto seu símbolo não correspondem à totalidade da cidade, muito menos a seu devir, a sua constante transformação e sua potência. Aqueles que estão em meio ao mar de eterna mudança da cidade, porém, tampouco possuem uma imagem da totalidade: para eles também ela é feita de fragmentos, a partir dos circuitos que são criados no interior da cidade, de suas veias mais ou menos abertas. Ficamos uma semana sem percorrer o mesmo trajeto e já a cidade é outra. E, por fim, existe uma cidade sempre a construir – a cidade dos desejos e também a cidade das obrigações, da vertigem do que é incontrolável, da rotina embrutecedora.

Algum lugar expõe como, em uma cidade como Los Angeles, movimentos de construção e destruição se cruzam e se retroalimentam. A ponto de, dentro dessa cidade em que o original já foi esquecido por quase todos – ao contrário do Rio de Janeiro, em que a origem é sempre reencenada, mesmo que a arquitetura original seja dilapidada –,

criarem-se simulacros de outros espaços, perfeitos, atemporais, “uma paródia de alguma cidade europeia” com “um clima de parque temático, um mundo em miniatura em que o consumo é a regra básica” (p. 70-1). Mas também esses espaços de plástico serão destruídos, a fim de sobre eles se erguerem outros, com a mesma função ou com funções diferentes. O movimento é o ambiente em que vivemos; ainda estamos vivendo sob o signo do novo, mesmo que não mais sob o da originalidade.

Mesmo espaços heterotópicos e não lugares, no entanto, possuem uma realidade histórica, que podemos mais ou menos identificar ao tentar dissecar os diversos planos que formam a heterogeneidade do espaço. Todas essas características foram determinadas historicamente e são constrangimentos à forma como habitamos esses espaços. No entanto, há uma dimensão da cidade que é significativa: a cidade composta de signos que o habitante deve ler a fim de poder habitar.

Renato Cordeiro Gomes busca em Barthes essa leitura da cidade como texto, a aproximação *erótica* com a cidade. Barthes imagina um modo de estar na cidade em que o aspecto utilitário seja apagado e em seu lugar surja um sujeito que se entregue à leitura da cidade. Neste momento, os diversos significados da cidade se retraem e se transformam eles próprios em uma metáfora, a da sociabilidade, do lugar de encontro. Afirma Renato Cordeiro Gomes sobre essa cidade-discurso:

A caça ao significado é, no entanto, sempre um percurso provisório [...] Neste sentido, é preciso privilegiar o significado vazio que [Barthes] identifica ao centro (vazio) necessário à organização da cidade. (Gomes, 2008, p. 168)

Esse aspecto textual da cidade exerce um peso especial na experiência do estrangeiro. Como fica claro no romance de Paloma Vidal, para o estrangeiro nada é natural, tudo deve ser decifrado. Além disso, para ele realmente a cidade se apresenta como puro significante, uma vez que ele ainda não possui os códigos para decifrar esse texto.

Mesmo que hoje o estado natural do indivíduo sejam as identidades cambiantes e o eterno trânsito, isso não exclui que esse mesmo indivíduo se angustie com a sensação de deslocamento, de estranhamento, experimente a angústia por a origem estar perdida. Afinal, o que significa a perda da sensação de pertencer? O que significaria, para Odisseu, não reencontrar sua identidade ao final de sua jornada? O que significa, como para a personagem de Paloma Vidal, não mais saber qual língua é a sua, língua que se liga diretamente a uma função materna? Não ter mais para onde voltar, buscar sempre uma origem que se sabe que não está mais lá na *arkhê*, o primeiro objeto perdido – aonde isso nos leva?

Aquilo que a personagem de *Algum lugar* é se deve à história de sua família, ligada à história de seus países. A errância é determinada por acontecimentos históricos, e cada movimentação tem consequências no que ocorre no presente. Mas isso *não explica* sua experiência presente.

O que emerge em *Algum lugar* como força principal é a luta pela individuação, essa busca contraditória de aceitação e diferença, busca de casa e viagem, tornada mais complexa pela realidade cada vez mais transcultural dos dias de hoje. A protagonista do romance procura afirmar suas *nuances* ou seu *estilo*: ela não quer estar fora da *doxa*, da norma, mas diferenciar-se dentro dela. No entanto, como escreveu Roland Barthes (2005, p. 95), do ponto de vista da norma, “do ponto de vista *endoxal*, a nuance é o que *não deu certo*”. E a sutileza não está presente numa época em que é a “língua sobre a guerra” (p. 30) que domina o discurso da mídia, em que todos devem escolher um lado, incompatível com o antagonico. A escrita do romance é a afirmação cabal da nuance. É o fracasso do projeto de individuação da personagem – o vazio gerado por seu estilo não encontrar lugar algum para chamar de casa – que move *Algum lugar*.

Notas

ⁱ Este artigo resume alguns pontos abordados no terceiro capítulo da minha dissertação de mestrado, defendida em setembro de 2012 dentro do programa de Ciência da Literatura e intitulada *A cidade perdida: espaço e identidade na literatura contemporânea*.

ⁱⁱ Em 2012, a autora publicou, pela editora Rocco, seu segundo romance, *Mar azul*.

ⁱⁱⁱ As remissões sem autor e ano são a *Algum lugar* (Vidal, 2009).

^{iv} Segundo o ensaio clássico de Stuart Hall, o sujeito pós-moderno seria “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”, e “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”, mas que podem ser construídas ativamente por meio de “narrativas do ‘eu’” (Hall, 1992, 12-3).

^v Um ótimo exemplo de espaço heterotópico na literatura é, como bem aponta Alberto Pucheu, o poema “Carnaval carioca (1923)”, de Mario de Andrade. Segundo Pucheu, no poema, “Roma se materializa na avenida Rio Branco”, um outro espaço é criado, em que por um momento habita-se tanto o Rio de Janeiro moderno quanto o império antigo: “Se tanto a ‘desgeograficação’ e a consequente descronificação quanto a heterotopia e a consequente heterocronia cosmopolitas abertas pelo carnaval lidam com o espaço e o tempo na percepção sensível misturados aos imaginativos [...] é para que sua dimensão exterior [...] nos arraste, como diz Foucault, para ‘fora de nós mesmos’...” (Pucheu, 2011, 33-4).

^{vi} Ideia inspirada no ensaio de Giorgio Agamben sobre Veneza (Agamben, 2010, 65).

^{vii} “Fiz o livro a partir de um blog, então eram vários fragmentos”, contou Paloma Vidal na mesa da Festa Literária Internacional de Parati em 2012. Ver “Exílio e flânerie”, no Blog da Companhia (2012).

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio (2010). “Da utilidade e dos inconvenientes de viver entre espectros”. In: *Serrote*. São Paulo, n.6, nov. 2010.

AUGÉ, Marc (2005). *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.

____ (2005). *A preparação do romance*. Volume II: A obra como Vontade [1979-80]. São Paulo: Martins Fontes.

BAUMAN, Zygmunt (2011). *Vida em fragmentos*. Rio de Janeiro: Zahar.

BLOG DA COMPANHIA (2012). “Exílio e flânerie”, 6 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.blogdacompanhia.com/br/2012/07/mesa-7-exilio-e-flanerie/>>.

FOUCAULT, Michel (2009). “Outros espaços” [1984]. In: _____. *Ditos & Escritos III*. (Org. Manoel Barros da Motta). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.411-22.

GOMES, Renato Cordeiro (2008). *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco [1994].

HALL, Stuart (1992). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

PUCHEU, Alberto (2011). “O ‘Carnaval carioca (1923)’, de Mário de Andrade”. In: PUCHEU, Alberto e Eduardo Guerreiro (org.). *O carnaval carioca de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, p.27-61.

VIDAL, Paloma (2009). *Algum lugar*. Rio de Janeiro: 7Letras.